

# **Fragmentos de uma saúde pública anarquista**

Marcus Hill

Federação Anarquista de Luisville



# Fragmentos de uma saúde pública anarquista

Vicente Navarro<sup>1</sup> disse que para existir uma política de saúde nacional completa e funcional, as intervenções de saúde pública que surgirem desse arranjo deveriam ter três eixos: intervenções *estruturais* que lidam com determinantes políticos, econômicos, sociais e culturais da boa saúde; deveriam contemplar determinantes de *estilo de vida* que focam nas mudanças de comportamento de indivíduos; e deveriam incluir determinantes de *socialização* e *empoderamento* que encorajam indivíduos a se tornarem envolvidos nos esforços coletivos para melhorar os determinantes estruturais de suas saúdes. Por empoderamento em saúde quero dizer: enxergar a necessidade de construir condições reais para autogestão, atacar as raízes da desigualdade ao invés de somente minimizar seus efeitos, lidar com as

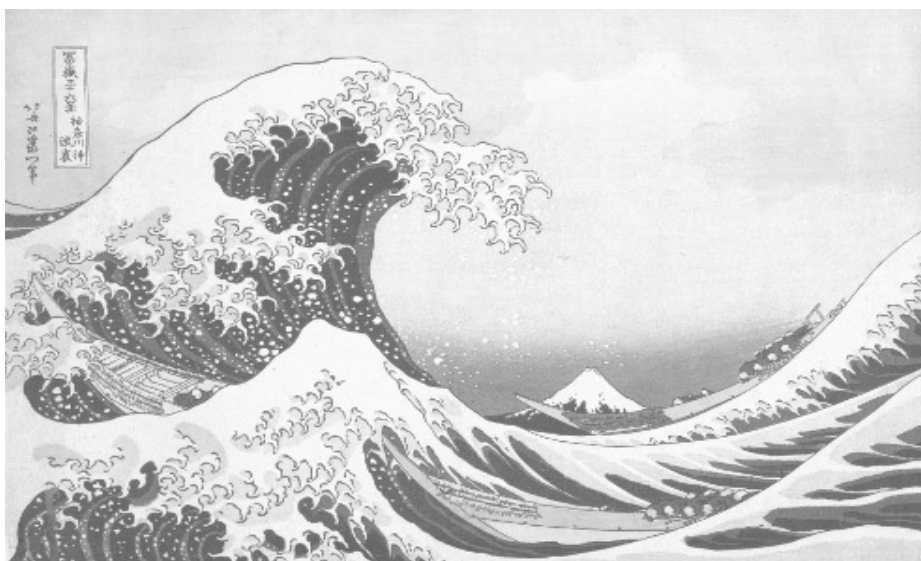
forças de mercado e normas de competição que invadiram cada faceta da vida social, e perceber que essas condições são sistematicamente perpetuadas através de instituições que criamos mas que não são *intrínsecas* aos papéis sociais que essas instituições precisam cumprir (isso será explicado mais a frente). Se levarmos a importância do empoderamento à sua extensão lógica mais completa, em termos de cuidados em saúde e políticas de saúde pública, então poderemos levar a sério, de forma pragmática e racional, perspectivas mais utópicas de como as instituições de saúde (e as instituições por toda a sociedade) podem ser reestruturadas.

Uma teoria social radical é aquela que, como sugere o nome, busca chegar às raízes de vários problemas sociais com a intenção de erradicar suas causas fundamentais, ao invés de simplesmente administrar seus efeitos (por exemplo, atacar o capitalismo ao invés de meramente suas externalidades negativas). Nesse

1 Vicente Navarro é médico, sociólogo e teórico político espanhol. Crítico do neoliberalismo, neokeynesiano, foi conselheiro de diversos governos e da Organização Mundial de Saúde, e escreve para o portal *rebellion.org*.

caso, fica claro a necessidade de buscar uma prática de saúde pública segura empregando o *princípio da precaução* – um princípio moral e político que afirma que se uma ação ou política pode causar dano severo ou irreversível ao público ou ao meio ambiente, quando não houver um consenso científico provando o contrário, o ônus da prova recairia sobre quem defende que se tome tal ação – ao invés de aceitar as externalidades negativas dos processos capitalistas industriais e a mera gestão – no melhor dos casos – da precária saúde resultante da população). É comum que, já que muitas críticas dissonantes pedem por mudanças fundamentais nas formas básicas com que fazemos muitas coisas, as ideias trazidas à tona sejam

frequentemente aquelas de uma revolução sensacionalizada: imagens romantizadas de um confronto final, de um reajuste social com um atrito extremo e embates sectários nas ruas (todos elementos característicos presentes, como Graeber lembrou, tanto nas interpretações equivocadas clássicas sobre democracia ativa, quanto nas interpretações equivocadas atuais sobre o anarquismo ativo – essencialmente o caos, nas duas formas). Já que muito da teoria radical historicamente fala de grandiosas e teatrais revoluções, empiricamente, no entanto, tais interpretações equivocadas tornaram a busca pela mudança ainda mais difícil. Daí, quando a teoria radical é trazida para o debate, a quantidade de bagagem que se deve tirar e ter de



lidar é geralmente extenuante – a romantização da mudança social (qualquer uma) como rupturas cataclísmicas; as incompatibilidades de muitas teorias esquerdistas; a predominância da imagem revolucionária estilizada; a falta de visão para além do confronto social – tudo isso leva muitas daquelas pessoas que de outra forma apoiariam mudanças alcançáveis a acreditar que não existem alternativas sociais realistas e práticas.

Felizmente, aprendendo com a história, muitas das ondas que se reconstituíram hoje no pensamento revolucionário e esquerdista radical têm uma postura bastante crítica aos movimentos esquerdistas do passado – consequentemente desenterrando informações e discussões muito mais frutíferas sobre a natureza da construção de uma sociedade saudável fundada na participação.

## ***Unificando Teorias Sociais Radicais***

As teorias radicais que lidam com mudanças sociais têm sido problemáticas. Elas emergem de grupos que enfrentam certas situações opressivas que são tão desfavoráveis a ponto de serem consideradas não só importantes de

se falar a respeito delas, mas também de colocá-las em questão e de se formular uma compreensão crítica a respeito. Não é de se espantar que, já que surgem de experiências específicas e que todas elas pretendem explicar o mundo, a estreiteza das experiências do círculo onde cresceram se torna seu calcanhar de Aquiles à medida que as teorias são moldadas e evangelizadas. Isso não significa, no entanto, que não sejam profundamente úteis, que devam ser descartadas, ou até mesmo que estejam completamente erradas. E definitivamente não significa que Margaret Thatcher tinha razão quando disse que "Não há alternativa". Apenas quer dizer que uma reconciliação atenciosa entre essas pessoas é necessária, e que ter a flexibilidade e abertura para levar em conta aquilo que faz uma boa teoria é uma ótima forma de juntar esses pedaços.

Uma teoria é uma ferramenta que explica, prevê e/ou guia situações. Quanto mais ela conseguir fazer isso de forma ampla, mais útil será. Infelizmente, teorias sociais radicais estiveram historicamente confinadas demais a experiências estritas. Em outras palavras, elas podem servir para explicar, prever e guiar ações que acontecem dentro desses enquadramentos sociais específicos, mas falham em

conceitualizar com precisão a ação humana num sentido mais amplo. Se você observar como marxistas (para usar um exemplo) focam em classe e economia, há uma tendência em enquadrar as experiências como decorrentes desse entendimento. Apesar de ser bem provável que sejam conscientes da opressão de gênero e racial (por exemplo), no centro de tudo, marxistas concordam que a economia e a luta de classes estão na base – e estão acomodadas/replicadas em seu interior – de todos os outros males sociais. Nesse sentido, marxistas professam que as lutas de classe são tão poderosas que permeiam todas as outras facetas da vida e da experiência, e se for possível mudar a estrutura econômica, as relações de raça e gênero seriam, por fim, alteradas também. Uma feminista poderia dizer a mesma coisa, apenas trocando o classismo por noções de sexismo: desapareça com o sexismo e a hierarquia de gênero nos círculos de convivência da vida social (que lidam com a socialização, educação, etc.) e subsequentemente isso irá dissolver o debilitante patriarcado que permeia as esferas econômicas e políticas, e todos os males que dele emanam. Não é preciso dizer, os problemas nesse contexto são fáceis de serem vistos. O grau de utilidade de cada uma dessas teorias depende da

relevância dos conceitos com os quais são construídas. Conceitos – sendo meras fatias da realidade tomadas para chamar atenção intencionalmente – nascem de experiências. Bons conceitos serão relevantes para prioridades, preocupações e objetivos específicos; no entanto, quanto mais estreita for a experiência da qual eles surgem, menos primordiais e aceitáveis eles serão para um conjunto mais diverso de pessoas e situações. Isso tem sido uma incrível fonte de tensão na organização esquerdista ao longo de sua história.

A visão de uma sociedade participativa e saudável teria de vir de um entendimento robusto, unificador e diverso, que de alguma forma aglutinasse outras teorias sociais radicais e valorizasse impecavelmente tudo em termos da promoção de uma sociedade completamente participativa. Sendo assim, a teoria radical que emerge de tal integração lida de forma convincente com aquilo que é útil para a democracia/participação (princípios anarquistas básicos num sentido socialista-libertário) e, ao dar forma a esse processo, surgiria um entendimento empírico do que é antidemocrático. Como resultado, lidar com o que é e o que não é útil para uma democracia serve para ressaltar o que é um agrupamento

democrático, assim como para extrair conceitos relevantes que indiquem os aspectos básicos de uma sociedade democrática. Pela natureza daquilo que precisa ser proporcionado – uma sociedade realmente participativa –, a teoria radical que ajudaria a construir essa visão seria uma perspectiva multi-tema, multi-foco, multi-tática, revolucionária e orientada ao crescimento. O que decorre desse ponto de partida é fundamentalmente uma abordagem baseada em valores, voltada à construção de instituições cujo cerne é a participação.

É compreensível que remodelar a sociedade dessa forma seja desencorajador – apenas tentando demarcar um agrupamento grande o bastante em que se compartilhe os mesmos valores –, mas essa teoria não é dogmática. *Todos* os valores não precisam estar intrincados, mas existem alguns poucos valores abrangente que são endêmicos para uma sociedade democrática funcional, e esses valores não devem ser controversos se a democracia é a joia que buscamos. Entre esses valores fundamentais estão a solidariedade, diversidade, autogestão, liberdade, justiça, participação e tolerância.

1. As relações em uma sociedade democrática devem se basear na *solidariedade* e na cooperação, já que

– deixando de lado todo o resto – a cooperação seria preferível ao invés das relações pessoais antissociais infectadas por valores abstratos de mercado e baseadas na competição.

2. Valorizamos a *diversidade* nas escolhas e nos recursos, assim como nas ideias.

3. Valorizamos a *autogestão* na qual as pessoas devem ter voz nas decisões na mesma medida em que sejam afetadas por elas.

4. Valorizamos a *justiça* em termos de um tratamento íntegro e igual.

5. Valorizamos a *participação* em que as pessoas se envolvam na construção das decisões sem distorções ou coerção (veja autogestão), mas de jeitos que acomodem os diferentes níveis de disposição política das pessoas.

6. Valorizamos a *tolerância* no sentido que aceitamos que existem outras formas de fazer as coisas e as acomodamos quando possível.

Esses são princípios fundamentais que recebem aceitação geral uma vez que a maioria das pessoas concorda que tê-los em uma sociedade é preferível do que não os ter. Mais do que preferência, no entanto, esses não são valores que meramente soam bem, mas ao invés disso, eles servem propósitos sociais funcionais e necessários. Em uma

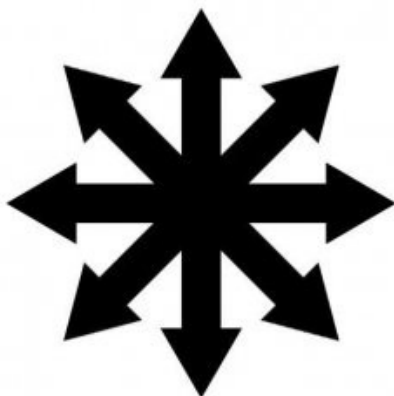
sociedade efetivamente democrática, onde as pessoas não teriam comandantes, a lógica implica que teriam de existir certos mecanismos que constituem a situação democrática para que ela funcione como uma sociedade. Isto é, existem princípios endêmicos a uma forma propriamente democrática de existência que deverão estar colocados (ou seja, infundidos em todas as esferas da vida: economia, vínculos, governança, comunidade, etc.) para que tal situação continue enquanto organização social.

Então, a que tipo de teoria radical robusta poderia se reduzir todas essas coisas? Primeiro, ao contrário das teorias que tomam o trabalho, as mulheres ou a identidade étnica como centro, esta teoria põe a pessoa no centro de uma forma ampla. Ao recusar considerar as pessoas apenas como funções do status de classe econômica ou de seu sexo biológico, a teoria se personaliza muito mais dinamicamente ao levar em conta esses fatores e ainda assim abrir espaço para necessidades pessoais, aspirações, capacidades, conhecimento, energia, etc., todas como fatias importantes da realidade. Em seguida, na teoria, à volta da pessoa estão várias esferas sociais. Isso inclui economia, vínculos, comunidade e governança, mas

poderia perfeitamente incluir outras também. Essas esferas específicas preenchem funções sociais como várias outras, mas receberam distinção e foram incluídas aqui por necessidade devido ao fato de existirem de uma forma ou outra em *todas* as sociedades, e suas funções serem específicas a instituições, pois não podem ser realizadas meramente de pessoa a pessoa.

Isso fica mais óbvio se você considerar as funções básicas dessas instituições. A economia lida com a produção, o consumo e a alocação de coisas; os vínculos dizem respeito aos aspectos de cuidado, de socialização, de reprodução, etc., da vida; a governança lida com leis, execução e julgamento; e a comunidade lida com a identidade cultural. Sendo assim, reduzidas a suas funções básicas, podemos começar a conceber-lhes imagens redesenhadas de forma que ainda completem suas funções básicas mas que o façam seguindo as linhas dos valores sociais participativos. Essa abordagem é definitivamente importante não só para entender o mundo, mas para mudá-lo de forma a melhorar o que está em piores condições e tornar a situação como um todo qualitativamente melhor para todas as pessoas envolvidas. Esses são os alvos em termos de mudança social.





Tendo esse entendimento, o objetivo agora é conceber uma economia que lide com produção, consumo e alocação; vínculos que dizem respeito ao cuidado, sociabilização, reprodução, etc; governança que lide com leis, execução e julgamento; e comunidade que lide com identidade cultural de modo que assegurem os valores de solidariedade, diversidade, autogestão, liberdade, justiça, participação e tolerância. Olhando para os movimentos do passado voltados à mudança social, se você põe o foco em uma esfera abrangente para colocar toda a sua energia sobre ela (como o marxismo com a economia, o feminismo com o gênero, o anarquismo clássico com a governança ou o nacionalismo com a comunidade), verá que cada esfera (levada ao limite lógico total de sua própria teoria) é a base para todo o resto. Olhando o feminismo e o

marxismo, por exemplo, se verá que o classismo acomoda e reforça o sexismo, assim como o sexismo acomoda e reforça o classismo, então em qual deles você irá mirar? Conceitualmente, a resposta é ambos. Por isso, a perspectiva revolucionária multi-questões, multi-foco, multi-tática, orientada ao crescimento (e como Michael Albert notou, a sociologia é muito mais difícil que a física porque não dispõe do luxo da precisão das fórmulas).

### *Considerando a Viabilidade*

Tudo isso se constrói a partir de que há entendimento do que é injustiça (ou ao menos de entender que a injustiça é um elemento-chave do objetivo mais amplo). Deveria ser um entendimento relativamente básico, mas isso tem ido contra uma

sensação geral de que não há alternativa, e assim teve suas manifestações limitadas. Por isso, desenvolver uma visão é crucial – dando nova força a ideias de alternativas para desencadear o *momentum* necessário à transformação. A visão de que falo diz respeito a uma reconstrução, baseada em valores, de todas as instituições relevantes de nossa sociedade em torno de princípios efetivamente democráticos. Ao olharmos a viabilidade de manifestá-la, começa a parecer desencorajador novamente, mesmo quando nos distanciamos das concepções equivocadas e comuns de viabilidade (os equívocos que servem ao patrimônio e que estão confinados aos mecanismos das políticas governamentais, gerencialismo/paternalismo de classe de coordenadores e a submissão habitual e socializada à hierarquia e à autoridade).

Ao invés de focar já de cara toda a atenção na linha da reta final, pense como os movimentos emergem – qualquer movimento, especialmente durante a época em que surgiram os do feminismo, dos direitos civis e do Vietnã [nos EUA]. Movimentos surgem por todo tipo de motivo. A diferença aqui é que esse movimento para uma sociedade participativa se unifica em torno de uma visão e não

apenas da raiva. Muitas pessoas da esquerda criticam "o sistema" por raiva, mas produzem pouco na forma de visões para alternativas. No caso de tornar reais tais visões, os princípios democráticos que valorizamos devem ser injetados em nossas organizações e instituições agora. Muitos movimentos entraram em colapso no passado devido ao fato de que sua estrutura interna não refletia suas declarações externas e as preocupações que diziam ter (por exemplo, organizações anti-Jim Crow<sup>2</sup> tentando construir um movimento enquanto mantinham as estruturas racistas internas intactas).

A essência de ser prefigurativo é que as organizações devem começar a se estruturar agora de acordo com o que desejam para a sociedade participativa que buscam criar. Como muitas pessoas estão convencidas de que não há alternativa, se uma organização enaltece o exato oposto e ainda assim não age de acordo, isso irá no fim das contas reforçar esse sentimento imobilizante. Em termos de trabalho e economia básica, o

---

2 As leis de Jim Crow foram leis estaduais e locais decretadas nos estados sulistas e limítrofes nos Estados Unidos, em vigor entre 1876 e 1965, e que afetaram afro-americanos, asiáticos e outros grupos. As leis mais importantes exigiam que as escolas públicas e a maioria dos locais públicos (incluindo trens e ônibus) tivessem instalações separadas para brancos e negros. [wikipedia.org](http://wikipedia.org)

trabalho prefigurativo surgiria como a construção de conselhos de trabalhadoras e a instituição de complexos de trabalho balanceados no presente (e não apenas porque isso parece mais justo, mas porque sem tal estrutura, todas as principais decisões seriam eventualmente feitas por aqueles em posições de poder enquanto todo o resto estaria cansado demais e excluído pelo trabalho braçal). Deve-se lutar pela autogestão agora, mas esteja ou não dentro do complexo de saúde pública liderado por profissionais de saúde pública, cultivar condições anti-sistêmicas continuará a dar forma à noção de uma participação real muito mais centrada no diálogo da saúde pública.

## ***Apontando o Conflito Inevitável***

*"A quase todo minuto vivemos uma constante negociação entre o que queremos e a comunidade, o coletivo, a outra pessoa"*  
(Cindy Milstein)

Gostin<sup>3</sup> dedicou parte do seu trabalho a isso, destacando esse conflito como uma busca pelo equilíbrio entre o bem comum de um

lado, e os fardos pessoais e interesses econômicos de indivíduos e empresas do outro, sendo negociadas pelas leis de saúde pública e o governo. Cindy Milstein, uma organizadora anarquista, escritora e editora de livros, se distancia das mitologias políticas e de forma muito útil coloca tal habilidade de manobrar no centro da práxis anarquista:

*"é uma constante negociação entre você e a sociedade – entre diferenças – mas também tem a ver com o compartilhamento de um valor. De certa forma, ser anarquista significa apenas ser honesta com o fato de que é assim que agimos no mundo; é cheio de contradições e, de certa forma, o anarquismo tenta dizer 'vamos tornar isso transparente e fazer tudo o que pudermos para chegar no melhor balanço possível entre os dois', sabendo que vai ser uma constante negociação."*

Isso está em contraste gritante com outras filosofias que dizem que ou tudo diz respeito ao indivíduo ou tudo diz respeito à comunidade, e varre para longe aquelas contradições. Tais filosofias impõem uma correlação binária que não existe de fato no mundo real ao invés de tentar ver e trabalhar essas complexidades da vida. Nesse sentido, o anarquismo é constantemente dinâmico, está

3 Lawrence Ogletorpe Gostin é professor de direito norte-americano especializado em Direito da Saúde Pública.

evoluindo, mudando e aberto – tornando-se livre e flexível, mas também, frequentemente, difícil de entender.

O anarquismo apresenta um tipo de projeto fundamentalmente diferente das propostas de Gostin, já que não se trata de ter as respostas certas e as formulações corretas mas, ao contrário, de se engajar na complexidade do mundo de uma forma que alcance os resultados que anarquistas buscam, e que sustentem os valores pelos quais anarquistas têm profundo apreço. Milstein oferece algumas características centrais do anarquismo que lançam luz sobre como buscamos esse engajamento.

A primeira característica de anarquistas é que são anticapitalistas bem como antiestatistas. Esses são valores fundamentais, mas suas manifestações tomam diversas formas e têm aparências muito distintas entre si, já que ambas são operações muito diferentes. Anarquistas trabalham a partir de uma crítica generalizada da dominação e da hierarquia. E não é apenas uma crítica, mas um desejo de abolir ambas. Sendo assim, uma das inclinações naturais no projeto anarquista é a de que se está sempre atenta para localizar novas formas de dominação, já que se trata de uma perspectiva intrinsecamente orientada



ao crescimento. Isso pode ser irritante nas situações extremas, mas também (e mais comumente) incredivelmente proveitoso. A orientação anarquista obviamente não é apenas um foco na economia, mas um foco multidimensional na compreensão política, social e cultural da liberdade e da não-liberdade (apesar disso não ser algo exclusivamente do anarquismo). Somado a isso, Milstein destaca que

o projeto anarquista está sempre num embate em como ser ético (ou o mais ético possível no contexto desta sociedade problemática). Nesse sentido, as questões centrais acabam sendo "Aquilo é uma dominação? Estou fazendo a coisa certa? Esta qualidade de vida é boa? Estou ouvindo mesmo as outras pessoas? Estou falando demais?". A natureza da práxis anarquista é tal que o projeto tenta ter uma estrutura operacional onde se pergunta primeiro "Isso é algo que é errado? E o que seria certo?" antes de perguntar "Isso é possível? É pragmático? É estratégico?" Dado que anarquistas são totalmente envolvidas em elaboradas construções pessoais e gradações de falhas humanas (ninguém é perfeito, afinal de contas), a orientação fundamental e o sentimento moral ainda tende a gravitar em torno a "Isso é dominação?" ao contrário do "Como isso pode ser dominado?", o que (mesmo em todas suas imperfeições, e tomado como parte do todo do projeto anarquista) ainda assim pode dar resultados sociais qualitativamente melhores.

Outras características da ação anarquista, de acordo com Milstein, envolvem buscar tanto a libertação das amarras quanto a liberdade para explorar novas vias de interesse. Preocupa-se com a igualdade

substancial: um entendimento de que não somos iguais em todos os aspectos, mas que devemos ser "iguais em nossas diferenças". Nesse sentido, devemos ser capazes de reconhecer nossos valores comuns em respeito às nossas diferenças comuns, e a partir disso tudo, sermos capazes de formar relações orgânicas (ao contrário de mecânicas). Essa é uma abordagem diferente da dos movimentos de justiça que pedem por uma fatia igual do bolo para todo mundo – a igualdade substancial permitiria às pessoas compartilharem e receberem diferentes tamanhos do bolo de acordo com suas necessidades e desejos já que não somos todas do mesmo jeito. Da mesma forma, anarquistas compartilham um entendimento de que as pessoas precisam de coisas assim como desejam coisas. Marx havia dito: "para cada um de acordo com suas necessidades", mas para anarquistas: "para cada um de acordo com seu desejo" também vale. Necessidades e desejos são parte do projeto a ser desvendado, que só poderá acontecer através da tentativa e erro. Anarquistas também valorizam espontaneidade, brincadeiras, prazer e felicidade, e associação voluntária. Para uma pessoa anarquista, a associação voluntária deve estar em conjunto com a ajuda mútua, no sentido de que

não se trata apenas de fazer o que se quer quando se quer, mas aceitar um senso de comprometimento e solidariedade. O projeto anarquista é tal que tende a buscar descentralização e interdependência simultaneamente; o local e simultaneamente o global; a si mesma e simultaneamente a sociedade. Para isso, o projeto anarquista afirma que nunca se trata de "um lado ou o outro" mas ao invés disso, de "como podemos fazer ambos juntos?". Nesse sentido, anarquistas costumam ser utópicos e visionários. Isso é significativo já que, ao contrário de outras filosofias e teorias radicais, o anarquismo não é apenas uma crítica constante (não é só raiva, como mencionado antes). É um projeto constante sobre o presente e uma tentativa de moldar o mundo de acordo com tais ideais utópicos – que é a própria essência da ação prefigurativa.

O momento político central para anarquistas é a negociação de algo aceitável para todas as pessoas, com um profundo respeito pela diversidade. O conceito okanaganiano<sup>4</sup> de *en'owkin* cabe perfeitamente aqui: "eu lhe desafio a me dar sua perspectiva mais antagônica possível à minha – dessa forma vou saber como mudar meu

pensamento para que possa acomodar suas preocupações e problemas."

Essa forma é bastante contrastante com a política em geral que, como Audre Lorde<sup>5</sup> colocou, não tem jamais sido capaz de existir de maneira funcional com a diferença. Sempre que algo diferente é apresentado, é tratado ou de forma indiferente ou ignorado, dominado se possível, ou, caso contrário, assimilado. Em contraste, o projeto anarquista não busca converter outras formas de pensar aos seus pontos de vista. Ao invés disso, valoriza a diversidade e discussões focadas nas questões concretas da ação, e em *"apresentar um plano com o qual todo mundo possa viver e onde ninguém sinta que seus princípios estejam sendo fundamentalmente violados."* (David Graeber<sup>6</sup>)

*[Em configurações de grupo, a maioria das pessoas anarquistas] operam através de um processo de consenso que foi desenvolvido, em muitos casos, para ser exatamente oposto ao estilo arrogante, divisivo e sectário tão comum entre outros grupos radicais.*

5 Audrey Geraldine Lorde (1934 - 1992) foi uma escritora caribenha-americana, feminista radical, mulherista, lésbica e ativista dos direitos civis.

6 David Graeber é anarquista, antropólogo e professor de antropologia social em Londres.

4 Okanagan é uma região do Canadá onde viviam diversas etnias indígenas.

*Aplicado à teoria, isso significaria aceitar a necessidade de uma diversidade de perspectivas altamente teóricas, unidas apenas por certos compromissos e entendimentos.*

*No processo de consenso, todas concordam desde o início com certos princípios mais amplos de união e propósito de ser do grupo; mas para além disso, aceitam como ponto pacífico que ninguém jamais irá converter outra pessoa completamente ao seu ponto de vista, e que provavelmente não deveria nem tentá-lo. (Graeber)*

É importante entender que, dentro da práxis anarquista, não há respostas genéricas e não há medidas políticas genéricas para o conflito. Opiniões menos radicais podem olhar para o projeto e concluir que seu utopismo excede demais sua viabilidade, e por sua vez sugerir a busca por um meio termo mais realizável (essa foi amplamente a posição do capitalismo *natural* que veio sendo promovida por Paul Hawken e outros). O problema nisso, no entanto, é de duas vias. Primeiro, Marx há muito tempo atrás apontou o truismo de que não se pode negociar com o capital por uma nova forma de organização social; você tem de desmantelá-lo. Marx via o capitalismo como um sistema de

organização social com premissas fundamentadas na exploração, portanto não se pode ter um capitalismo "mais gentil", ou um capitalismo "menor", ou um "pouquinho de" capitalismo, porque, em seu cerne, ele é uma forma de organização social baseada na dominação e na exploração. Segundo, a noção de comprometimento tem sua premissa num mal entendimento fundamental do projeto anarquista. O desafio aqui não se trata, explicitamente, de elaborar uma visão de mundo específica para a qual as pessoas têm de se converter. Isso seria quase impossível e iria contra quase tudo aquilo que o anarquismo defende. Ao invés disso, o objetivo é prefigurativo. Esse é um projeto completamente diferente, construído inteiramente em torno de processos e de ver as mudanças como um experimento em andamento, ao contrário de ser predicado em misticismos clássicos de um grande e repentino cataclismo revolucionário. Trata-se de uma perspectiva revolucionária multi-questões, multi-foco, multi-tática, orientada ao crescimento, que diz que o projeto foca naquilo que funciona, e foca sem coerção.

Graeber apresentou seguinte interação teatral esquemática entre um cético e uma anarquista que acredito ilustrar o tipo de projeto que

buscamos e o tipo de barreiras ideológicas que confrontam-no:

*Cético:* Bem, talvez eu leve essa ideia anarquista mais seriamente se você puder me dar alguma razão para pensar que ela funcionaria. Você pode nomear um único exemplo viável de sociedade que existiu sem governo?

*Anarquista:* Claro. Existiram milhares. Posso nomear uma dúzia só de cabeça: os Bororo, os Baining, os Onondaga, os Wintu, os Ema, os Tallensi, os Vezo...

*Cético:* Mas esses todos são um bando de primitivos! Estou falando de anarquismo em uma sociedade tecnológica moderna.

*Anarquista:* Ok, pois houve vários tipos de experimentos de sucesso com autogestão de trabalhadores, como Mondragon; projetos econômicos baseados na ideia da economia da dádiva, como o Linux; vários tipos de organizações políticas baseadas no consenso e na democracia direta...

*Cético:* Claro, claro, mas esses são exemplos pequenos e isolados. Estou falando de sociedades inteiras.

*Anarquista:* Bem, não é que as pessoas não tenham tentado. Veja a Comuna de Paris, a revolução na Espanha republicana...

*Cético:* É, e olhe o que aconteceu com esses caras! Eles foram todos mortos!

E Graeber explica:

*Os dados estão viciados. Você não tem como vencer. Quando um cético diz "sociedade" o que ele realmente quer dizer é "Estado", e até mesmo "Estado-nação". Já que ninguém vai produzir um exemplo de um Estado anarquista – isso seria uma contradição em termos – o que estão realmente nos pedindo é por um exemplo de um Estado-nação moderno com o governo de alguma maneira ausente: para dar um exemplo aleatório, se o governo do Canadá fosse derrubado, ou por alguma razão derrubou a si próprio, e ninguém novo tomasse o seu lugar, mas, ao contrário, todos os ex-cidadãos canadenses comessem a se organizar em coletivos libertários. Obviamente, nunca permitiriam que isso acontecesse.*

*Há uma saída, que seria aceitar que as formas de organização anarquistas não se pareceriam em nada com um Estado. Elas envolveriam uma infinita variedade de comunidades, associações, redes, projetos, em toda escala concebível, sobrepondo-se e conectando-se de todas as formas que conseguimos imaginar, e possivelmente de várias que não conseguimos. Algumas*





*seriam bem locais, outras globais. Talvez tudo o que elas teriam em comum seria que nenhuma envolveria alguém aparecendo com armas e dizendo para todo o resto se calar e fazer o que lhe é mandando.*

À luz disso, faz muito mais sentido focar na conexão dos projetos entre si em federações para que se reforcem mutuamente do que tentar expandi-las como bolhas que englobam tudo – os poucos exemplos que darei a seguir estão devidamente encaminhados ao invés de serem excessivamente pequenos, locais ou de base.

### ***Imaginando uma Sociedade Saudável***

Uma das premissas do presente texto foi que movimentos antissistêmicos, antineoliberais, radicais e anarquistas vêm crescendo no mundo todo e estão buscando de forma prefigurativa construir alternativas às instituições dominantes, não-participativas e hierárquicas por toda a sociedade. Em termos de cuidados em saúde e políticas de saúde pública, movimentos continuam a florescer e a desafiar as correntes de cuidados em saúde que visam lucro e que são gerenciadas pelas indústrias, tanto

nos EUA como em vários outros lugares. Apesar de não necessariamente se dizerem anarquista, esses movimentos seguem os princípios mencionados acima, e ao fazerem isso, vêm abrindo alternativas ao sistema de saúde e às políticas públicas geridas pelo comércio. Entre o sistema de saúde cubano, os cuidados de saúde indígenas mantidos por Zapatistas em Chiapas, no México, o movimento de Democracia da Saúde de Paul Glover e o Instituto Gesundheit! de Patch Adams, a seguir estão algumas poucas observações que gostaria de compartilhar.

Cuba oferece um exemplo de um sistema de saúde não-capitalista nacional, mas ainda assim centrado na comunidade, notavelmente funcional, com indicadores de saúde comparáveis aos dos EUA. A expectativa de vida em Cuba é de 77,5 anos; nos EUA é de 78. A mortalidade infantil em Cuba é 5,3 mortes a cada 1000 nascimentos no primeiro ano de vida, enquanto nos EUA é de 6,9 (de acordo com dados de 2003). No Mississípi, a mortalidade infantil é de 11,4 e chega até 17 entre negras, e está crescendo. Em Washington, a mortalidade infantil é de 14,4 entre pessoas afro-americanas. Em Cuba, ao contrário, só 5,3 crianças morrem a cada 1000 nascimentos, no primeiro ano de

vida, e basicamente a mesma taxa baixa é verificada em todas regiões e setores da população, e continua a cair ano após ano...

A variação no intervalo entre a melhor e a pior taxa de mortalidade infantil e as disparidades de saúde gerais dentro de uma dada população são reveladoras da qualidade de uma sociedade como um todo. Richard Levins – observando a saúde social mais ampla – debruçou-se sobre essas variações dentro dos EUA. Comparar números estado a estado dentro dos EUA revelou pouca informação sobre a variabilidade, mas pondo sob a lupa e olhando entre os condados do Kansas, a variação era alarmante. Estar ciente de variações em escala menor como essas é tremendamente relevante para saber que sempre as estatísticas de saúde são generalizadas nas grandes populações.

Citando Levins: “Observamos as taxas médias [de mortalidade infantil] assim como as disparidades; dividimos a variação, a diferença entre a melhor e a pior taxa, pela média. No Kansas, a faixa dividida pela média é de 0,85, mas em Cuba era de 0,34. Vimos que as taxas de câncer no Kansas e em Cuba são comparáveis, mas a variabilidade é mais alta no Kansas do que em Cuba.” Na edição de 2001 dos "Indicadores do Desenvolvimento

Mundial" (WDI) do Banco Mundial, Cuba figurava ultrapassando virtualmente todos os outros países pobres nas estatísticas de saúde e educação. Interessante que, imediatamente após o furacão Katrina atingir Nova Orleans em 2005, Cuba ofereceu enviar algo em torno de mil médicos para ajudar as vítimas. Em uma das várias formas com que um governo pode agir com respeito à saúde pública, a administração Bush ignorou a oferta.

Isso obviamente levanta a indagação de como isso é possível dada a situação de Cuba. Como um país pobre que carece das tecnologias médicas sofisticadas que existem nos EUA, e tem dificuldade em conseguir equipamentos e remédios básicos devido ao bloqueio estadunidense, é capaz de ter tão bom cuidado da saúde de sua população? Uma resposta é profissionais de saúde. Cuba tem 5,3 profissionais médicos por cada 1000 pessoas – a maior proporção no mundo e quase o dobro da dos EUA. As 60.000 profissionais médicos dedicadas e outras profissionais de saúde trabalham dentro de um sistema baseado no princípio de que "o cuidado em saúde é um direito e não um produto à venda".

No que diz respeito ao esforço posto nisso e na construção de infraestrutura prefigurativa, a

situação médica de Cuba não foi mero acaso. Após sua revolução em 1959, metade dos médicos da nação seguiu seus pacientes ricos até Miami. Assim, desde o começo, o governo teve de fazer grandes esforços para educar novas profissionais em medicina. Hoje em dia, há uma grande escola médica em cada província. O país agora gradua 3.500 doutores por ano, bem mais do que o exigido para sua população de 13 milhões de pessoas.

Falando prefigurativamente, a infraestrutura de saúde de Cuba foi incredivelmente visionária. O país tem mais médicas servindo no exterior do que a Organização Mundial da Saúde. Desde 1963, 100.000 médicas serviram em 101 países. Também está treinando 20.000 profissionais de saúde de 26 países e executando iniciativas especiais como a Operação Milagre<sup>7</sup>. Criou a Escola Latino-Americana de Medicina (ELAM) que oferece a pessoas jovens das regiões mais pobres da América Latina e África a chance de tornarem-se profissionais em medicina. O comprometimento não-firmado de cada uma das pessoas

---

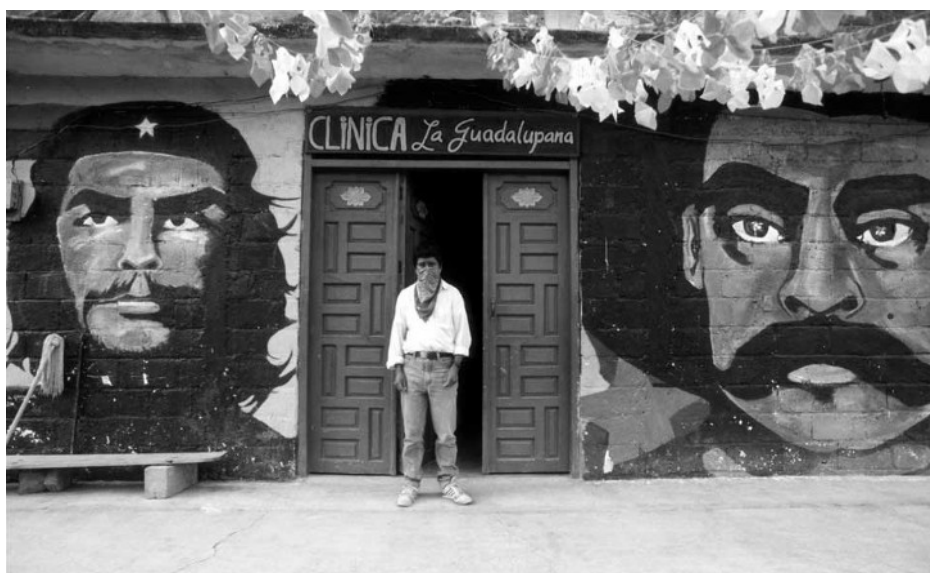
<sup>7</sup> A Operação Milagre é um projeto humanitário que começou em 2004 liderado pelos governos de Cuba e Venezuela. Tem o propósito de ajudar aquelas pessoas com poucos recursos para que possam ser operadas de distintos problemas oculares.

estudantes é retornar ao seu país e praticar suas habilidades por um período de dez anos nas comunidades mais pobres e necessitadas, substituindo assim os médicos cubanos. Desde a época em que Cliff DuRand escreveu seu artigo, a ELAM recebeu estudantes de 29 nações diferentes e 67 grupos étnicos e culturais diferentes para tornarem-se médicas, técnicas médicas ou outras especialistas em saúde (cerca de 10.200 estudantes atualmente). Entre elas estão 91 estudantes de baixa renda dos EUA. O curso de seis anos disponibiliza tudo: abrigo, roupa, comida, livros e uma pequena quantia de dinheiro para gastar.

Cuba também iniciou o Compromisso de Sandino com a

Venezuela, que busca treinar 200.000 médicas da América Latina ao longo dessa década<sup>8</sup>. Como as estudantes da ELAM, mais do que serem treinadas em medicina, essas médicas serão preparadas com alto senso de comprometimento social – motivando-as a cuidar das pessoas da região sempre que forem necessárias, diz Hugo Chavez.

Entendendo como os princípios básicos de empoderamento pessoal e comunitários são aspectos essenciais de um panorama efetivo de saúde pública, Cuba desenvolveu uma nova pedagogia para alfabetização chamada *Yo Si Puedo* (Eu Posso Sim). Em 2006, a UNESCO deu de novo a Cuba seu prêmio de alfabetização por esse novo método.



anos 2000.

Está sendo usado em 16 países para ensinar mais de 580.000 pessoas a ler e escrever em apenas 7 semanas.

Zapatistas oferecem um exemplo de ação prefigurativa de base. O cuidado em saúde nas comunidades indígenas de Chiapas é há muito tempo negligenciado pelo governo mexicano. Durante uma sessão sobre saúde, os conselhos participantes do Bom Governo ("Juntas de Buen Gobierno") discutiram questões relativas à escassez de suprimentos médicos e transporte, a perda de conhecimento médico tradicional, às barreiras à educação sexual e aos danos causados pela dependência de ajuda externa. Após a discussão, as comunidades zapatistas organizaram sua própria rede de cuidado em saúde e pediram ajuda e recursos para outras organizações em solidariedade ao redor do México e do mundo. Recursos vindos de fora impulsionaram projetos autônomos de saúde. O hospital zapatista (o hospital de Guadalupe em Oventic, Chiapas, no México, construído em 1991 pelas comunidades locais zapatistas) funciona com ajuda de doações estrangeiras sem nenhum auxílio governamental, e busca prover serviço àquelas que estão sofrendo discriminação nas instituições geridas pelo Estado.

O sistema zapatista de cuidado em saúde foi amplamente reconhecido tanto nacional quanto internacionalmente como tendo fornecido tratamento e medicamentos para mais homens, mulheres, crianças e idosos indígenas rurais do que qualquer governo ou setor privado jamais conseguiu. Ao treinar pessoas locais como "promotoras de saúde", do seio das comunidades, esse esforço se sobressaiu em termos de medicina preventiva, educação de saúde e da preservação de ervas e outras formas de medicina tradicional. A solidariedade internacional permitiu às comunidades construir clínicas e adquirir equipamentos e ambulâncias.

No entanto, à medida que foi adotado um foco mais voltado à saúde, a dependência em ajuda externa se tornou um tema que pressionava cada vez mais. A falta de acompanhamento por algumas organizações frearam ou suspenderam importantes projetos após estes terem começado. Consequentemente, o conhecimento médico tradicional foi promovido de forma mais intensa como uma forma das comunidades indígenas recuperarem o controle de seu cuidado em saúde.

Nas questões das mulheres, a Lei das Mulheres Zapatistas tornou-se pública em 1994 com a declaração



dos direitos das mulheres. Isso surge de uma crescente preocupação da necessidade de focar nas questões de empoderamento das mulheres zapatistas, com um foco particular na saúde feminina e seus vínculos com a saúde da comunidade como um todo. A sessão sobre saúde durante as Juntas de Buen Gobierno apresentaram uma plataforma de saúde progressiva, mas apesar do foco, era claro que "alguns dos maiores entraves para a saúde das mulheres continuam postos por um sistema patriarcal herdado da conquista espanhola" (Ginna Villarreal<sup>9</sup>).

Consequentemente, "muitos participantes concordaram que a educação e a participação de mulheres nessa questão são essenciais para a saúde geral da comunidade" ("Vivenciando o Encuentro de Mulheres").

Tal sentimento em torno da necessidade de empoderamento finalmente se transformou no primeiro *Encuentro* para mulheres que ocorreu em 1º de janeiro de 2008. O *Encuentro* deu às mulheres espaço para lidarem, nos seus próprios termos, com as questões de autodeterminação, liberdade, democracia, saúde e justiça dentro de suas próprias comunidades. Ao mesmo tempo que explicitamente punham para fora as relações patriarcais (os homens durante o encontro eram responsáveis por cozinhar, cuidar das crianças, limpar os banheiros e trazer lenha), as mulheres zapatistas deixaram claro que isso não era uma divisão em um movimento separado de mulheres, que é algo muito diferente da maioria dos movimentos de libertação das mulheres. Ao invés disso, as mulheres zapatistas enfatizaram que seu movimento ainda inclui "seus irmãos, maridos, crianças, idosos e todos na comunidade". Em termos de espalhar o modelo zapatista, quando perguntadas o que as comunidades não-zapatistas poderiam fazer para apoiar seu trabalho, as mulheres zapatistas responderam, "organizem-se".

O *ethos* do movimento de saúde zapatista foi captado por uma menina de 8 anos durante as plenárias do *Encuentro*. Ela disse, "Sem a

---

9 Sem referência.

organização, eu não estaria viva. Eu teria morrido de uma doença curável".

O movimento Democracia da Saúde de Paul Glover – a Aliança da Saúde de Ithaca (no inglês, IHA), com base em Ithaca, Nova Iorque – é um modelo de saúde cooperativo fundamentado na ajuda mútua e foi desenvolvido com a ideia de criar um modelo sustentável de soluções voltadas à comunidade e guiadas por ela para a atual crise nacional do sistema de saúde. De acordo com o site principal da organização, a Aliança da Saúde de Ithaca foi criada como um modelo cooperativo que tem sido continuamente moldado e sustentado pelos membros da aliança. A ideia é de que através do poder de construção da comunidade, membros do IHA possam se ajudar mutuamente com as despesas médicas – financeiramente através da organização e através dos serviços que ela promove, e diretamente através de benefícios membro-a-membro, como descontos em cuidados em saúde que os Membros Provedores oferecem a outros membros. A IHA funciona em três níveis principais: o Fundo de Saúde Ithaca, a Clínica Gratuita de Ithaca e a educação geral.

*O Fundo de Saúde de Ithaca foi estabelecido para fornecer assistência financeira para os custos em cuidado em saúde. Através do fundo, a IHA oferece concessões a membros da IHA para auxiliá-los em categorias específicas de custos preventivo e de cuidado médico emergencial. O Fundo também oferece a membros empréstimos sem juros para procedimentos dentários, cuidado dos olhos ou para melhoria dos serviços profissionais de saúde (apenas para membros provedores de cuidado em saúde). Pelo programa de Concessões Comunitárias da IHA, pequenas concessões são oferecidas a outros grupos que fazem trabalho relacionado à saúde... A Aliança da Saúde abriu uma clínica de saúde gratuita no centro de Ithaca em 23 de Janeiro de 2006. A Clínica Gratuita de Ithaca (IFC) oferece serviços de cuidado em saúde 100% gratuitos para residentes que não tenham seguro ou tenham baixa cobertura de serviços médicos no condado de Tompkins e nas áreas ao redor. A IFC é uma instalação médica integrada, onde profissionais voluntários de saúde oferecem tanto serviços médicos convencionais quanto holísticos para as visitantes da clínica, assim como aconselhamento sobre o sistema de seguridade do sistema de saúde,*



*Instituto Gesundheit!*

*entre outros serviços... A Aliança oferece uma programação educacional aos nossos membros e ao público em geral. Aulas informais, palestras e falas de convidadas são oferecidas ao longo do ano; outros eventos são agendados quando vão aparecendo. Nós oferecemos materiais na área de espera de nossos escritórios e da Clínica Gratuita, os quais qualquer pessoa é bem vinda a explorar. Nos relacionamos em rede com especialistas em todos os campos da saúde para conseguirmos ajudar nossas vizinhas a terem conhecimento da riqueza de opções de saúde disponíveis. Nosso jornal trimestral oferece informação sobre*

*diferentes assuntos de saúde, e outros materiais educacionais, além de notícias sobre a organização.*

A última observação que gostaria de oferecer aqui é sobre o Instituto Gesundheit!<sup>10</sup> – a criação de longa data de Patch Adams. A premissa do projeto tem sido uma tentativa completamente prefigurativa daquilo que o Instituto se refere como "projetar o sistema como um todo". A abordagem dada pelo Gesundheit!, em outras palavras, tem sido a de redesenhar o sistema de

---

<sup>10</sup> Expressão alemã que se diz quando uma pessoa espirra: "saúde!"



cuidado em saúde como um todo, não só como acessá-lo:

*Queremos enfrentar aspectos negligenciados do fornecimento de cuidado em saúde fora do controle de mercado, e dentro do projeto de bolsões de cuidado. Esses bolsões locais de variedades correriam em paralelo ao mercado de saúde convencional e estariam conectados de forma frouxa uns aos outros para agir como perturbações ao sistema.*

Essa teoria conceitualiza o sistema como se fosse um Golias em relação ao seu Davi: reconhece que o sistema é (1) controlado por pessoas/instituições que têm certo poder sobre a população; (2) "o sistema como está – sem mudanças – beneficia-lhes enormemente"; e (3) essas pessoas/instituições não têm intenção de permitir que este sistema mude – não importa quão razoáveis e éticos sejam os argumentos, quão persuasiva seja a evidência de sofrimento e perda humanos, ou quantas concessões as ativistas estão dispostas a fazer.

Por mais inarrredável que esse ângulo pareça, a janela de oportunidade sobre a qual o *Gesundheit!* cria sua estratégia vem do entendimento de que "o sistema de saúde nos EUA é tão grande, tão complicado, tão burocrático, com partes que não conseguem se

conectar com as outras, tão insensível ao humor do seu ambiente, tão incapaz de ver suas consequências – que é possível que desmorone devido ao seu próprio peso". Consequentemente, enquadra suas ações ao redor da noção de perturbação – visando abalar esses pontos fracos dentro do sistema. Alvos específicos surgem através do conceito de projetar o sistema como um todo, que começa demarcando que aspectos do cuidado em saúde podem ser mudados por mera decisão e design de políticas, visando assim aspectos problemáticos que não são intrínsecos à presença e ao funcionamento mais amplos do sistema de saúde.

Existem numerosos aspectos no cuidado em saúde contemporâneo que o Instituto busca mudar e redesenhar. Nota que as relações hierárquicas no cuidado em saúde são herdadas de uma cultura de hierarquia, abuso de poder e presunção. Consequentemente, as pessoas, ao moldarem suas instalações de cuidado em saúde de acordo com o que querem, têm a opção de apoiar, se opor, mudar ou alterar tais maneiras de se relacionar. Muitos estudos mostram que uma pessoa tem melhores resultados em saúde se ela sente que seu bem estar está integrado no interior de um grupo maior. Seguindo essas linhas, o

Gesundheit! acredita que curadoras/projetistas podem chegar a uma linguagem – recortes e metáforas – que se opõe às tendências isolacionistas e consumistas (particularmente da saúde e da doença serem identificadas como propriedades individuais), e ao invés disso situar a saúde do indivíduo dentro da saúde de um grupo. Seguindo essa lógica, o Gesundheit! faz notar que a saúde de sua equipe é tão prioritária quanto a saúde de uma paciente: assim como a paciente precisa sentir que seu bem estar está aninhado dentro do bem estar de um grupo mais amplo, a equipe também precisará.

Em termos de tornar o cuidado em saúde uma experiência muito mais participativa, o Gesundheit! reconhece que a atual cultura comercial do cuidado em saúde se refere ao paciente como consumidor e ao médico/enfermeiro como fornecedor, de tal forma que as interações são experimentadas como uma forma de compra – completada com informações significativas sobre o fluxo, motivos de lucro, disparidades socioeconômicas entre consumidores em poder de barganha/compra, escolhas limitadas e comumente não participativas, etc. Projetistas, ao contrário, podem se opor a esse modelo de interação e inventar elementos em suas

instalações (através da linguagem, imagens e estrutura) que permitam a participação popular em todos os aspectos da saúde, cuidado em saúde e construção de um sistema de saúde. Apesar do cuidado em saúde nacional estar atualmente alojado nas instituições financeiras burocráticas e privadas, é na verdade dentro de grupos sociais *beneficiados* maiores que as interações de cuidado precisam ser aninhadas e protegidas. A solidariedade precisa ser renovada e redesenhada entre as pessoas cujos interesses forem fundamentalmente em comum. As decisões precisam ser realizadas na base da participação, e o processo de decisão sobre os dilemas do sistema de saúde comunicado pelas/para as pessoas como uma prioridade. Comunicação e visibilidade do cuidado em saúde podem ser também muito mais proeminentes em meio à sociedade como um aspecto do desenho do sistema, e em termos de visibilidade, as curas não devem necessariamente ser valorizadas como superiores ao cuidado de qualidade. O próprio espaço físico do cuidado em saúde deve ser desenhado para refletir esses valores, e – já que não existe a tal da interação neutra – as ações ao longo da vida cotidiana entre curadoras, equipe e paciente devem refletir o fato de que a vida em si é uma escolha. Tal perspectiva pode ser

uma fonte de informação tremendamente valiosa para as interações que se deseja no cuidado em saúde. O Gesundheit! considera todos esses aspectos passíveis de serem (re)desenhados.

Central a tudo isso é o fato de que o projeto do sistema como um todo se assenta na criatividade: "Necessitamos de uma variedade de novas ideias, projetos, desenhos, configurações, propostas – alternativas para voltarmos o olhar e pesarmos. Existem alguns problemas para os quais *as soluções ainda não chegaram*. Temos que construir soluções." E enquanto isso, está mirando a cultura de cuidado em saúde e opondo e expondo o "quão indesejável é um cuidado em saúde controlado pelo mercado".

### ***Montando um possível quadro social para organizações anarquistas focadas em saúde.***

A questão gritante que ainda permanece é como definir o quadro social no qual as organizações anarquistas podem prosperar e influenciar a formulação da política de saúde pública. Em torno de quais estruturas sociais grupos anarquistas podem se aglutinar para articular voz coletiva, e como?

As duas preocupações principais com os exemplos mencionados acima são de que eles (1) se aglutinam em torno de uma identidade preexistente (portanto, ficam aquém do que representa a grande maioria de uma população mais diversa tornando assim difícil ampla aplicação), e (2) são efetivamente isolados. Os zapatistas se aglutinaram em torno da identidade partilhada das comunidades indígenas politicamente marginalizadas e fortemente localizadas. O Instituto Gesundheit! foi (e continua sendo) muito localizado e em grande parte isolado em suas próprias operações (apesar de seus esforços de divulgação). Dessa forma, as questões permanecem: o que essas operações têm a dizer para a grande maioria da população que não está em uma comunidade vulnerável, que não está agrupada e organizada localmente, para a qual não queremos usar a designação guarda-chuva "o público"? Como é que uma organização anarquista poderia se estabelecer, sendo mais eficaz e eficiente do que as coisas como estão?

Como mencionado anteriormente, organizações anarquistas vão contra o modelo da "bolha em expansão", que procura ter um único espaço subcultural e expandi-lo para incluir cada vez mais

peças, tentando ser o modelo para todo mundo. É isso que também acontece quando a diversidade prospera ao mesmo tempo que a noção de "o público" é despedaçada. O que nos resta então, nos termos deste projeto anarquista, seria, na minha opinião, um processo em duas partes.

A primeira parte diz respeito a olhar a identidade coletiva como base para se organizar. Comunidades locais de saúde surgem de um grupo local e dos seus interesses comuns. Comunidades vulneráveis\* (ou seja, identidades compartilhadas em torno de condições particulares compartilhadas de saúde) surgem geralmente em uma escala mais nacional. Afigura-se aqui um terreno comum que poderia ser descoberto onde se valorizaria o aspecto participativo da localidade, enquanto fortaleceria os recursos mútuos em uma escala muito mais abrangente. Afinal, os grupos locais estão ligados entre si de forma mais ampla. Isso sustenta diretamente a ideia de não promover a "bolha em expansão", mas sim promover diversos agrupamentos que persigam os interesses particulares de determinados grupos, enquanto trabalham coletivamente como um todo federado e se mobilizam em

torno da ideia geral de saúde (afinal de contas, obviamente alguém não precisa ter um interesse particular em uma determinada condição ou doença para ter um interesse em saúde ou para ser capaz de reconhecer as dimensões de sua saúde que estão em jogo). Então, como tal, uma federação de comunidades se assenta na expansão da ideia de marcar identidades coletivas, que iriam de doenças e condições específicas para interesses muito mais amplos na área da saúde, nos quais todo mundo participa na sua saúde de formas bem variadas.

O segundo aspecto deste processo refere-se às unidades fundamentais que compõem tal federação (ou *federação de federações*). Estas são basicamente as práticas alternativas (o trabalho do Gesundheit! ou das zapatistas, por exemplo), descritos na seção anterior. Depois que a noção de "o público" é desmantelada, o que sobra é essencialmente uma matriz de corpos e grupos dinâmicos e variados que compõem o mundo real. O problema é que eles são em grande parte isolados. Os zapatistas e o Instituto Gesundheit! são efetivamente nós desconectados do que poderia ser um sistema mais amplo e mais eficaz. Faltam conexões onde esses nós deveriam estar ligando o conjunto, onde estas comunidades estariam

---

\* Em inglês: *disease-identified communities*.

agindo em conjunto para fazer algumas coisas e se reorganizando para outras – um projeto para o projeto. Os zapatistas são claros sobre a construção de uma rede internacional quando sempre respondem à pergunta "Como podemos ajudar?" com "Organizem-se" – refletindo a necessidade de criar e vincular os nós de ação. Essencialmente isso quer dizer, no contexto da prestação de saúde, conselhos e federações de saúde (que ligam as cooperativas de saúde locais às organizações mais amplas) em torno do interesse comum na boa saúde.

O que o anarquismo oferece nesse sentido em muitos aspectos se apresenta como uma derivação do que é conhecido como o anarco-sindicalismo. Esse é um arranjo orientado para o trabalho onde os trabalhadores se veem como uma classe específica e formam conselhos de trabalhadores autogeridos para articular coletivamente suas vozes e interesses. Rudolph Rocker, em seu trabalho *Anarco-Sindicalismo*, aponta dois objetivos centrais da prática: (1) salvaguardar as exigências dos trabalhadores, ao mesmo tempo que eleva seus padrões de vida; e (2) servir como uma escola para formação dos trabalhadores e familiarizá-los com a gestão técnica da produção e da vida econômica em

geral para que, quando surja uma situação revolucionária, eles sejam capazes de tomar o organismo socioeconômico em suas próprias mãos e refazê-lo de acordo com os princípios socialistas. É bem difícil imaginar a construção de algo semelhante relacionado especificamente aos grupos orientados para a saúde: trabalhar para salvaguardar os interesses relacionados à saúde, vendo-se como parte de um todo, todos com investimentos em suas saúdes, e procurando aumentar a participação nas decisões que afetam suas saúdes, e ao mesmo tempo trabalhar para capacitar as pessoas para a participação, servindo como base para a revitalização da capacidade de ação popular para reconstruir a sociedade como um todo de modo participativo.

Essa ideia de conselhos por interesse tem sido contemplada por muitos mais recentemente e profundamente. Michael Albert descreve os conselhos e as federações tanto de trabalhadores quanto de consumidores como componentes centrais de uma visão funcional para uma economia participativa. Uma vantagem discutível (entre muitas pessoas) que estes acordos têm sobre o convencional é que eles são inerentemente mais participativos e igualitários. Isso vem desses acordos

para implementação de complexos de trabalho mais justos, ou, em termos mais relevantes para o que estamos buscando, das formas de organização que não inerentemente empoderam alguns e desempoderam outros. É importante que todos possam participar igualmente se assim desejarem. Como tal, os conselhos seriam baseados em autogestão (as pessoas podem participar se assim desejarem ou criar novos conselhos mais relevantes para as suas necessidades e interesses); seriam baseados em dispersão adequada de informação, meios adequados de expressar preferências, e processos de tomada de decisão que funcionariam para garantir (o melhor possível) que cada indivíduo tenha influência proporcional aos resultados relacionados aos efeitos que lhe causarão. Em termos de eficiência – de não desperdiçar as coisas que valorizamos quando perseguimos nossos objetivos –, a participação direta em termos de conselhos de saúde fornece um arranjo muito mais ágil, corta a burocracia atual que se tornou cada vez mais onerosa financeiramente e contraproducente, proporciona um ambiente não competitivo onde conselhos conectam-se uns aos outros para tratar dos seus interesses, e como tal são guiados pelo interesse dos grupos e não por fins lucrativos, tendências

de expansão ou indústrias insustentáveis.

Há obviamente muito mais a dizer sobre isso para fazer justiça à ideia de conselhos de saúde. Deveria ser mencionada ainda que já existem algumas formas de conselhos de saúde em funcionamento. A visão desejada é que deveriam se conectar uns aos outros em federações dedicadas a salvaguardar a saúde dos cidadãos, elevar os padrões de saúde e continuar a educação e capacitação desses cidadãos em termos de serem capazes de se envolver e gerir os fatores que afetam sua saúde, em sentido lato.

### ***Interagindo com a infraestrutura convencional***

Na medida em que os determinantes sociais da saúde se definem no âmbito dos sistemas institucionais mais amplos, como pode a organização anarquista funcionar bem quando precisa interagir com estas infraestruturas mais convencionais? O que pode ser feito imediatamente?

A resposta a estas questões baseia-se principalmente na visão: o que é que estamos tentando criar? A seção anterior discutiu a construção de estruturas alternativas para as

instituições de saúde. Esta seção diz respeito à forma de interação (resistência e reconstrução) dentro das instituições existentes, posto que a resistência e a construção do novo são necessárias.

Em termos de criação de novas formas de prestação de cuidados em saúde, é difícil para as instituições alternativas simplesmente aparecerem e serem altamente competitivas com os modos convencionais de fazer as coisas. As comunidades devem estar familiarizadas com as alternativas. E em um sistema de mercado, novas instituições baseadas na autogestão e em valores participativos tendem a se corromper quando tentam ter sucesso no mercado e ao mesmo tempo serem participativas (já que decisões de mercado levam à alienação e ao rompimento de práticas participativas). Não é que as

alternativas não podem ter sucesso, mas é quase impossível ter sucesso no mercado e ter sucesso como sistemas verdadeiramente autogestionados.

A chave é reconhecer esta incongruência e combatê-la. A luta vem na forma de encontrar maneiras de aumentar os custos das formas convencionais de fazer as coisas de modo que mudanças e reconsiderações vão (terão que) ser feitas. Em termos econômicos, isso pode acontecer como uma reorganização da força de trabalho na medida em que tanto custa mais à estrutura combatê-la quanto a mesma obriga a estrutura a permitir que a força de trabalho se reorganize. A trajetória geral de desenvolvimento aqui envolve ganhar reformas maiores que continuem a fortalecer o movimento para que vá mais adiante – trabalhando na construção de



relevantes conselhos de interesse e, eventualmente, em direção a estruturas institucionais completamente novas.

A filosofia por trás do Instituto Gesundheit! de Patch Adams se refere a esta maneira de aumentar os custos do sistema como a criação de “perturbações” – ideias/ações que ponham o sistema na berlinda com o objetivo de desestabilizá-lo e fazê-lo tropeçar em si mesmo. Os pontos iniciais para aumentar os custos da prestação convencional de cuidados em saúde envolvem desafiar as relações hierárquicas, ver a saúde mais como uma condição coletiva em oposição a apenas a qualidade de um indivíduo, focar na importância complementar do pessoal/profissional de saúde, compreender a saúde como um movimento popular de pessoas, promover a solidariedade, a tomada de decisões participativa, etc ...

À medida que os custos sobem, as lutas em curso no seio das instituições particulares podem ajudar e apoiar instituições alternativas, mesmo quando o mercado e a concorrência convencional ainda existem. O Instituto Gesundheit! serve aqui como um bom exemplo assim como a sua busca por um "projeto de sistema total" é a alternativa/projeto prefigurativo que trabalha ao lado de outros projetos de infraestrutura que confrontam a

infraestrutura convencional, ou seja, aqueles com foco em quem paga individualmente/coberturas universais. Como o Instituto pretende ser uma alternativa prefigurativa em seu trabalho, aquelas pessoas que focam em questões de financiamento/aceso servem mais como um desafio direto (perturbação) à infraestrutura convencional dos cuidados em saúde dominada pelos negócios dos planos de saúde.

Destinada a trabalhar lado a lado com “quem paga individualmente”/ “esforços de cobertura universal”, o projeto de sistema total é uma chamada a pensar universalmente, agir localmente: para projetar os contextos locais que protegem o núcleo distintivo da relação de cuidados em saúde... entre médica/enfermeiro e paciente.

### ***Da teoria à prática***

A abordagem que gostaria de propor brevemente aqui tem duas frentes, destina-se à (re)criação e ao desmantelamento simultaneamente. O primeiro foco visa a (re)criação através da geração de solidariedade na comunidade local, que se expande na direção da federação de comunidades – criando modos eficazes de participação na política



comunitária, que por sua vez influenciam a sociedade em geral (em vez da política de cima para baixo influenciando o tecido da comunidade local). Entre os benefícios de tal solidariedade, há um aspecto inegável de recuperação dentro dela que alimenta diretamente os movimentos de reforma mais amplos, visando (entre outras coisas) tanto a terra, a propriedade, a política laboral, e, é claro, a saúde. Como o foco central é baseado na comunidade, mas também fala de um importante foco ambiental e biorregional<sup>11</sup> que mais uma vez centraliza a saúde da terra como essencial para o bem-estar de todos.

A (re)criação, neste sentido, orbita em torno da ideia de reformulação comunitária de todo o sistema nas formas mais amplas, recuperando o que deveriam ser iniciativas comunitárias internas em relação ao que foi definido externamente e de serviços fornecidos (ou vendidos) burocraticamente de cima pra baixo. Do ponto de vista da saúde pública radical construída ao longo deste artigo, o pano de fundo de interesse

por trás de tal foco visa amplamente tudo o que é necessário para comunidades saudáveis (proponho usar o termo "saúde comunitária" de agora em diante em vez de "saúde pública", já que "o público" é tratado como uma entidade homogênea e vaga, enquanto "comunidade" reconhece interesses distintos, personalidades, relacionamentos, etc. Isso pode cheirar a mera semântica, mas aproximar-se de uma saúde *definida pela comunidade* ao invés de usar um "cobertor de tamanho único" que tenta satisfazer a totalidade do público pode conduzir a grandes diferenças).

O esforço conjunto para (re)criação emerge da percepção de que novos modos de construção de comunidades foram surgindo em todo o país (e no mundo) em diferentes formas: jardinagem comunitária, compostagem, projetos de biorreparação; cozinhas comunitárias e iniciativas "*slow food*"; lojas de bicicleta coletivas da comunidade, programas de bicicletas gratuitas, corridas informais de bicicleta e bicicletadas da massa crítica; mais projetos vanguardistas improvisados (brigas coletivas de travesseiro, projeção de grafite em edifícios, teatro de rua improvisado e espontâneo, encontros massivos de música no iPod, etc.); projetos escolares gratuitos; mercados de

---

11 O biorregionalismo "observa um local específico em termos de seus sistemas naturais e sociais, cujas relações dinâmicas ajudam a criar um 'senso de lugar', enraizado na história natural e cultural" (Nozick, 1992:75-76) [wikipedia.org](http://wikipedia.org)

pulga de base comunitária inteiramente gratuitos (o que tem sido chamado de "o mercado realmente livre"); ocupação de casas abandonadas e movimentos *squatt*; e assim por diante. O que ainda tem de ser suficientemente articulado, bem orientado e perseguido dentro desses projetos é a sua conectividade mais ampla.

A conectividade está no que eventos populares de espectadores (meros espectros de "comunidade"), como "visitas à galeria" ou "caminhadas artísticas" mensais, fundamentalmente não têm. Visitas à galeria são eventos onde galerias de arte ficam abertas até tarde numa noite do mês para as pessoas caminharem e olharem, talvez ouvirem música, e comerem. Enquanto eventos como esse vêm ocorrendo em mais cidades (largamente gentrificadas) em todo o país, eles não são necessariamente baseados no trabalho conjunto de membros da comunidade e portanto não necessariamente constroem solidariedade. Esta é em grande parte a diferença funcional entre construção de capital social (que é tantas vezes elogiada na literatura sociológica e nas discussões sobre construção de comunidade) e construção de solidariedade social. A primeira pode ser feita apenas de experiências compartilhadas que de

modo algum se correlacionam automaticamente com a solidariedade, enquanto a segunda vem do trabalho compartilhado, do investimento partilhado, e de uma consciência quanto ao interesse comum.

Assim, as abordagens que vão em direção à (re)criação poderiam se focar em garantir que *essas comunidades definam* as coisas que as tornam comunidades saudáveis. Um exemplo imediato de interesse para se considerar seria a disponibilidade de alimentos de qualidade para todos. Em termos de (re)criação, soluções que reconhecem o interesse comum podem potencialmente ser qualquer coisa desde ferramentas e compartilhamento de pesquisas para jardins pessoais até jardins e compostagem comunitárias em comunidades de pequena escala, alcançando até mesmo projetos de grande escala fora da rede elétrica ou obtendo alimentos cultivados localmente servidos exclusivamente nas escolas comunitárias. Isso pode fazer surgir mais afrente um enfoque amplo da agricultura radicalmente sustentável, levando a: garantir uma proibição regional sobre alimentos geneticamente modificados, trabalhar em direção à promoção de uma redução significativa de energia/formação/compartilhamento

de recursos, lutar por terras comunitárias e aquisição de imóveis, movendo-se em direção à reparação de sua territorialidade, etc. Tais preocupações e atividades logicamente alimentam outras dimensões de saúde da comunidade, tais como o amplo acesso a um meio ambiente saudável, o acesso aos cuidados em saúde de qualidade, educação de qualidade, etc., definidas como pontos de interesses pelas comunidades. Isto segue a abordagem radical de saúde pública de que a saúde individual não pode ser separada da saúde da comunidade, que por sua vez não pode ser separada da saúde ecológica.

Com o tempo, isso poderia começar a se parecer com uma comunidade que tomou de volta o controle sobre sua territorialidade e recuperou a autonomia na tomada de decisões sobre as coisas que a afetam. Construída através de projetos que revigoram a solidariedade, essa torna-se uma comunidade que realmente experimentou algumas verdadeiras sensações de *comunidade*, em vez de se contentar com a farsa da "comunidade", pintada nas superfícies polidas dos novos edifícios dos urbanistas que vêm sendo salpicados em tantos centros urbanos e áreas comerciais. Ao falar de solidariedade, no entanto, a sociedade real não pode existir entre

grupos desiguais. Assim, projetos de solidariedade são necessariamente horizontais nas diretivas de abordagem, não mais com uma hierarquia de cima a baixo, mas sim com iniciativas coletivas voltadas para a comunidade que não são ditadas por chefes, mas em vez disso estruturadas para capacitar todo mundo a trabalhar junto.

Olhando para a paisagem nacional [dos EUA], essas iniciativas de solidariedade da comunidade parecem bem atrasadas com tantas cidades sendo submetidas a estas recentes renovações urbanísticas – "revitalização," "embelezamento", "gentrificação geral" vestida de ambientalismo corporativo "verde" –, tudo ainda sendo alimentado por uma agricultura industrial insustentável e destrutiva e oleodutos de recursos globais carregados de violência. Assim, com tantas cidades sendo apresentadas à falsa comunidade dos "embelezamentos urbanos" e espetáculos mensais de dança em galerias, torna-se mais evidente que esses eventos só podem fazer apenas isso para reunir (algumas classes de) pessoas. Poderia muito bem parecer que como os projetos de solidariedade comunitária começam localmente, preenchem necessidades, e conseguem alguns sucessos, essas iniciativas ressoariam por outras comunidades (embora criadas sob

medida para os interesses locais) em situações semelhantes. Nesse sentido, o foco global na (re)criação começa a ter a cara de um potencial real para modelos de comunidade autênticos e que se perpetuam. Assim, com o tempo, eles podem surgir como uma federação (ou uma federação de federações) de comunidades que trabalham em conjunto, partilhando recursos, e se engajando ao mesmo tempo em projetos de empoderamento político em nível local e de maneira ampla.

Com um simples olhar ao que isso pode vir a ser, esse foco se abre para uma ampla gama de potencial revolucionário. À medida que as comunidades se reúnem para encontrar uma voz coletiva, poderiam potencialmente atingir qualquer aspecto da criação de um ambiente mais saudável e fortalecedor. Eis algumas possibilidades imediatas: um foco na discussão e no desenvolvimento de uma política comunitária eficaz e prefigurativa (desenvolvendo métodos de tomada de decisões equitativas, fomentando ao mesmo tempo a solidariedade interna e ampla, etc.); um enfoque educativo em conhecer a territorialidade (tanto em nível geral quanto específico para a região); um foco em iniciativas de educação infantil de acordo com questões e interesses locais tornando assim a

educação o mais relevante possível para as estudantes (por exemplo, durante algum tempo houve um debate em muitos distritos escolares sobre transportar crianças para escolas distantes versus aderir principalmente a escolas de bairro, em resposta a questões de segregação de bairro, desigualdades econômicas e desigualdades em recursos acadêmicos; fomentar apropriadamente o diálogo para que estudantes e pais sejam capazes de lidar com questões reais – como o *status quo* – pode ir mais direto ao ponto); um foco real na juventude (além de dimensões apenas relacionadas à escola); um foco em finanças dos cuidados em saúde – cuidados em saúde universais pagos por uma única pessoa ou mesmo o que poderia ser ao nível da comunidade/federação e não como um outro serviço do governo; foco na prestação de cuidados em saúde e em levar à comunidade uma discussão sobre a forma como os hospitais locais são gerenciados, sobre as relações paciente/médico, sobre a dispersão de informação, etc ...

O segundo foco crítico da abordagem que estou defendendo aqui diz respeito ao dismantelamento como o corolário necessário para a (re)criação e a ação prefigurativas. A partir de uma perspectiva anarquista, que acredita que o atributo essencial

do indivíduo é a liberdade de ao mesmo tempo indagar e criar, as forças opressivas que vão contra esses fins devem ser desmanteladas. Ao mesmo tempo, novas formas sociais serão criadas para permitir que essas essências floresçam. As estruturas opressivas que serão atingidas são aquelas que vão contra a solidariedade, diversidade, autogestão, justiça e participação. Deve ser entendido, contudo, que esse não é um movimento dogmático – não se pretende coagir qualquer pessoa a pensar de um determinado modo. Afinal de contas, existem pessoas nas quais tais esforços podem ressoar e outras em que esses esforços serão perdidos. Dito isso, não-coercitivo não é o mesmo que pacifista. A liberdade que tal movimento busca não visa cercear a liberdade dos outros, mas sim manter como princípio que ninguém tem o direito de restringir a liberdade dos oprimidos.

A importância do desmantelamento e da implementação de novas formas e maneiras de fazer as coisas vem de uma abordagem situacionista que reconhece que se vamos agir com uma certa distância do Estado (e de processos capitalistas e outras formas de exploração/opressão que estão na cultura dominante), outros assumirão a tarefa de execução dessa

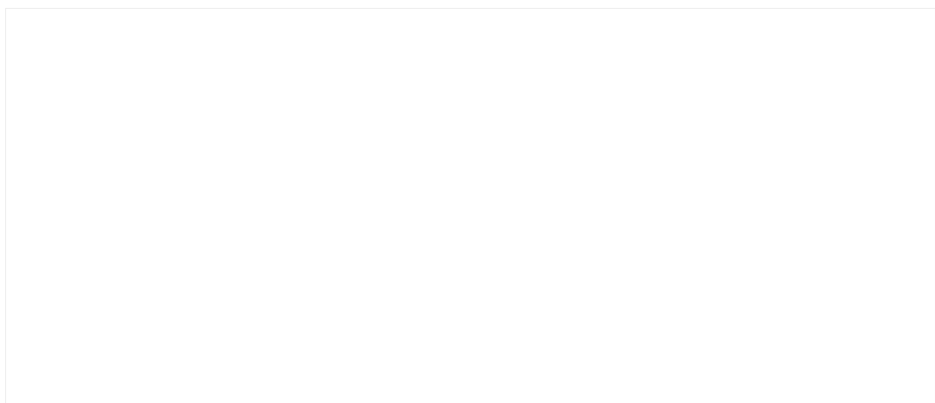
maquinaria (seja intencionalmente ou gravitacionalmente). A isto, Slavoj Žižek apontou que o Estado (ou qualquer outro poder que é questionado) garante um desafio direto pois se operamos à distância (para aqueles que podem se dar a esse luxo, de qualquer maneira) "abandonamos o poder muito facilmente para o inimigo", levando, assim, à pergunta: Não seria crucial a forma que tem o poder do Estado? O processo de desmantelamento acontece simultaneamente ao processo prefigurativo. Há várias razões pelas quais o desmantelamento é tão central quanto a (re)criação nesta abordagem. Uma delas é que certos aspectos (embora possam parecer muito distantes da relevância imediata na vida de muitas pessoas) não podem esperar pela lenta mudança reformista. Desmontar a maquinaria na qual as pessoas não apenas estão sendo oprimidas, mas estão ativamente perdendo suas vidas é uma categoria situacional que não pode esperar pela lenta mudança reformista.

Movimentos ecológicos radicais, como a Frente de Libertação Animal (ALF), a Frente de Libertação da Terra (ELF), e outros ecoativistas radicais também reconhecem o imediatismo e concentram muitos dos seus esforços em desmantelar as capacidades

ecologicamente destrutivas da indústria tão imediatamente quanto possível. Por mais que este seja uma evidência do estado desesperado do meio ambiente, também é uma evidência dos efeitos sociais do capitalismo. Já que o capitalismo é imperfeito e insustentável, um ambiente palpável de revolução pode aparecer muito lentamente sob suas condições. Isso ocorre principalmente porque as economias capitalistas podem manter (por um tempo) padrões de vida relativamente altos para uma minoria da população, impotência e privação de direitos para o resto, e alienação para todos. Como resultado, criar a revolução a partir de argumentos morais e meramente reconhecendo a injustiça não é suficiente. As pessoas que em grande parte se identificam com a cultura dominante são muito alienadas para ver (e muito menos para perseguir) alternativas. A maioria está lutando pelas coisas

mais essenciais sob o peso de realidades opressivas, e outros ainda estão muito distantes e confortáveis para considerar a necessidade de mudanças radicais. A desmontagem visa diretamente a infraestrutura que perpetua a alienação, a privação de direitos, a falta de poder e a exploração, e busca empurrar o sentido da mudança do *dever moral* para a *necessidade real*.

O ato de desmantelamento (independentemente da forma como muitas vezes é negativado) é um ato de afirmação. Herbert Marcuse destacou isso quando falou do movimento socialista libertário – dizendo "não" para a sociedade que temos ao buscar por "uma sociedade sem guerra, sem violência organizada, sem exploração... uma maneira qualitativamente diferente de vida [e] uma cultura essencialmente nova gerada por homens e mulheres cujas sensibilidades, instintos e inteligência não são mais mutilados



pelas necessidades e exigências de uma sociedade exploradora". Žižek – ao promover o papel afirmativo de tal movimento – falou de forma análoga sobre a diferença filosófica entre agressividade passiva (capturado na frase "Eu preferiria não") e passividade agressiva (capturado na frase "Eu não ligo em"). A distinção

abertura de novos espaços para além do par opressão hegemônica e sua negação.

Nesse sentido, o trabalho do processo de dismantelamento deve ir muito além da dissidência sancionada – para além dos limites da concessão de licenças, doações de caridade, e todas as corriqueiras pseudo-



*bruxaria distro*  
[www.bruxariadistro.com](http://www.bruxariadistro.com)

– em como o primeiro não nega o predicado, mas afirma um não-predicado – é que a agressividade passiva do "eu prefiro não" se afasta "de uma política de 'resistência' ou 'protesto', que parasita sobre o que ela nega, em direção a uma política que abre um novo espaço fora da oposição hegemônica e de sua negação". Ter como foco central a desmontagem (versus protesto ou "resistência") nos leva em direção à

atividades de resistência. Isto não é ser dogmática ou menosprezar certas táticas categoricamente. Táticas devem ser situacionais, com as melhores trabalhando para atingir as metas de forma tão eficiente quanto possível, ao invés de meramente perseguir a ação pela própria ação. Isso em grande parte tem a ver com a compreensão da distinção entre ações simbólicas e não simbólicas em termos de como as táticas são empregadas. Derrick Jensen destacou



[we.riseup.net/subt](http://we.riseup.net/subt)

essa distinção: a ação simbólica é aquela cuja principal intenção é transmitir uma mensagem, enquanto uma ação não simbólica é destinada principalmente a criar alguma mudança tangível por si mesma (e onde seu simbolismo pode ser, no máximo, secundário). Essa distinção é importante porque, como uma abordagem pode ser significativamente melhor que outra, dada a situação, ativistas que lutam por mudanças sociais muitas vezes não conseguem ver isso, confundem os dois, e "fingem que as vitórias simbólicas traduzem-se em resultados tangíveis." A realidade muito frequentemente é que todo esforço é exercido enviando mensagens simbólicas, enquanto quase nenhuma mudança tangível significativa acontece – que é o que realmente importa.

Jensen não aponta isso para dizer que as ações simbólicas não são importantes: afinal de contas, elas ajudam a mostrar solidariedade, são indispensáveis para o recrutamento e ajudam a moldar o discurso público. E elas *podem* causar uma mudança real, mas primeiro pelo menos duas condições precisam ser satisfeitas: (1) o destinatário tem de estar dentro do alcance da mensagem, e (2) que a pessoa deve estar disposta e ser capaz de realizar a mudança. Isso é raro. Mais frequentemente do que o

contrário, as pessoas com poder de trazer mudanças não estão ao nosso alcance, e quando estão, elas ocupam posições institucionais, o que quer dizer que podem ser facilmente substituídas pela estrutura e alguém vai continuar fazendo o seu trabalho.

O resultado de todos os esforços estarem sendo direcionados para ações exclusivamente simbólicas é que o recrutamento que elas conseguem não será sustentado por muito tempo sem vitórias tangíveis, e sentimentos de desespero, frustração e 'colapso nervoso' irão ocorrer desenfreadamente. Jensen propõe que o desespero possa ser uma compreensão corporificada não reconhecida de que as táticas usadas simplesmente não estão realizando o que é desejado e que as metas perseguidas são insuficientes para as crises que estão sendo enfrentadas. Portanto, outros caminhos mais diretos podem não apenas ser boas ideias para a causa, mas essenciais.

Uma abordagem convincente estaria, sem dúvida, organizando uma orquestrada revolta regional, apontada o mais diretamente possível ao seu alvo, amplamente ligada com outras comunidades, e concentrando-se, ao mesmo tempo, em comunicar mensagens persuasivas – essas mensagens sendo não apenas reconhecimentos insurrecionais da ilegitimidade, mirando tudo o que



está em oposição a sociedades livres e não-exploradoras (os levantes gregos que começaram no final de dezembro de 2008 são uma referência útil aqui), mas também mensagens que transmitam ideias para (re)criação prefigurativa (visão de uma sociedade participativa). Na essência, isto seria pensar de maneira global e agir localmente e tão diretamente quanto possível. Usando Milton Friedman<sup>12</sup> um pouco modificado: "quando [a crise é percebida], as ações que são tomadas dependem das ideias que estão por aí. Eis, creio eu, ser a nossa função básica: desenvolver alternativas às políticas existentes para mantê-las vivas e disponíveis até que o politicamente impossível se torne politicamente inevitável".

Isto não significa um convite à violência, mas prevejo táticas que vão desde campanhas de propaganda de ensino à destruição direta de propriedades com, quem sabe, táticas adaptadas das operações da ALF e da ELF, dos levantes gregos e de outros movimentos insurrecionais. Qualquer violência real que ocorra apenas seria

aquela resultante do *status quo* tentando desesperadamente se manter.

Ao tornar tudo isso realizável e tão eficaz quanto possível, o desmantelamento deve ser bem pensado e suas mensagens bem conectadas para que a destruição em si e de si não seja considerada como sendo o fim, mas sim o meio para realizar as visões de algo melhor, e para fomentar o entendimento de que ambos, (re)criação e desmantelamento, são cíclicos, reflexivos, e sempre precisam estar livremente sendo trabalhadas em qualquer sociedade. A desmontagem pode começar imediatamente e visões e ideias para uma sociedade participativa precisam estar à mão e prontas. Muito parecido com as ações massivas dos Comitês de boas-vindas a DNC e RNC<sup>13</sup> em 2008, da Grécia, dos protestos contra a OMC, das Zapatistas – ondas similares de ação coordenada regional podem vir a se formar. Há uma abundância de alvos locais que merecem mensagens semelhantes.

## ***Breves Observações Finais***

Tentei destacar o que acredito ser um caminho lógico da saúde à

---

12 Milton Friedman foi um economista e estatístico estadunidense que promoveu uma política macroeconômica chamada "monetarismo", e exaltava as "virtudes" de um sistema econômico de livre mercado com intervenção mínima. É considerado um dos "pais" do libertarianismo.

---

13 Convenções Nacionais Democrática (DNC) e Republicana (RNC) nos EUA.

revolução, ligando o que está no cerne do que perpassa o discurso da saúde pública com movimentos globais radicalmente participativos que já estão em ação. Como deve estar bem compreendido neste momento na história, a saúde pessoal não pode ser separada da saúde comunitária, que por sua vez não pode ser separada da saúde ecológica: um compromisso sincero com o bem-estar naturalmente alimenta um discurso revolucionário chamando para uma mudança fundamental em nossas estruturas política e econômica, e na cultura como um todo. A progressão a partir daqui depende da comunicação e da compreensão de que esta é uma abordagem multi-problema, multi-foco, multi-tática, orientada ao crescimento, e revolucionária. Existem inúmeras táticas e projetos que trabalham para a construção de uma sociedade participativa – tanto através da (re)criação quanto do desmantelamento, e tanto simbólica quanto não simbolicamente. A chave é desenvolver e comunicar a visão e construir um mundo de acordo com ela.

*Federação Anarquista de Luisville*



